

J. MATTOSO CAMARA JR.

HISTÓRIA E ESTRUTURA
DA
LÍNGUA PORTUGUESA

2.^a edição

PADRÃO — LIVRARIA EDITORA LTDA.
RIO DE JANEIRO / 1976

Sabemos, porém, que as unidades do plano fonológico e as do plano mórfico não coincidem necessariamente.

Em português, há um tipo de vocábulos formais que não têm a marca fonológica do acento e sempre se enunciam como uma sílaba inicial ou final de um vocábulo fonológico, onde figuram como sílaba átona pretônica ou postônica, respectivamente (posição clítica)⁸⁾. A sua individualidade formal se manifesta pela possibilidade de mudar de posição (inicial ou final) dentro do vocábulo fonológico ou de admitir, como sílaba inicial, a intercalação, de si para o resto do vocábulo, de uma, duas ou mais formas livres, à primeira das quais se incorpora fonologicamente.

A posição variável se dá com os pronomes pessoais adverbiais: podem preceder a forma verbal como nova sílaba inicial (posição proclítica) ou a ela se seguir como nova sílaba final (posição enclítica): *o menino se feriu* — *o menino feriu-se*. A intercalação livre ocorre com outra série de clíticos, sempre em posição proclítica, como o artigo e as preposições: *o livro de Camões* — *o belo e imorredouro livro do grande poeta Camões*.

A posição proclítica admite, em regra, uma modalidade estilística de acento em grau 2, por ênfase, com ou sem pausa enfática ocorrente. Isso dá aos proclíticos a oportunidade de um *status* de vocábulo fonológico, e no Brasil concorre para esse *status* o vocalismo dos proclíticos, que, como veremos, não é exatamente o das sílabas pretônicas.

Outra falta de coincidência entre o vocábulo fonológico e o formal é, em sentido oposto aos clíticos, a existência da justaposição de dois vocábulos fonológicos num só vocábulo formal. A justaposição é bastante freqüente na morfologia nominal portuguesa: *guarda-chuva*.

⁸⁾ Em princípio são monossílabos. Mas para a posição inicial há um ou outro clítico de duas sílabas, como a preposição *para* (cf. *para aqui* "nesta direção" em oposição com *para aqui* "detém-te aqui"), e, em posição final, é possível, se bem que desusado na língua oral do Brasil, aparecerem dois clíticos monossilábicos em seguimento (*ouve-se-lhe o ruído*).

Aí, a pauta prosódica apresenta dois acentos sucessivos, de grau 2 e grau 3, exatamente como um grupo de força com duas formas livres:

guarda-chuva
2 0 3 0

forte chuva
2 0 3 0

A distinção entre as duas seqüências pertence exclusivamente ao plano mórfico-semântico. *Guarda-chuva*, por exemplo, é uma unidade mórfico-semântica diversa de *chuva*, ao passo que em *forte chuva* temos sempre *chuva* com um determinante a mais. Por isso, é suprimível o primeiro elemento da seqüência numa frase como — *Caiu uma (forte) chuva*; mas em *guarda-chuva* a supressão de *guarda* desfaz a entidade lexical.

Na formação das palavras, em português, o processo da justaposição, mantendo dois vocábulos fonológicos dentro de uma unidade formal, se opõe à aglutinação, em que o elemento formador se incorpora no vocábulo fonológico mais simples⁹⁾.

II. O VOCALISMO

4. *Evolução do sistema latino*

O sistema vocálico latino consistia no chamado triângulo de vogais cardiais: uma vogal central (ou ligeiramente anterior) baixa, em que a língua fica praticamente em posição de repouso (/a/), duas anteriores, com um avanço em dois graus para a parte anterior da boca e uma concomitante elevação gradual, respectivamente média e alta (/e/, /i/), e duas outras posteriores, com um correspondente recuo e elevação gradual da língua, acompanhado de um arredondamento dos lábios (/o/, /u/). A realidade fonológica

⁹⁾ Pode criar até oposição distintiva; cf.: *extra-ordinário* e *extraordinário*
2 0 1 1 3 0 1 1 1 1 3 0
ex-posição e *exposição*.
2 1 1 3 1 1 1 3

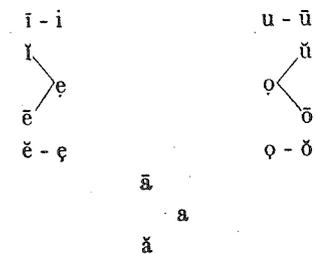
era, entretanto mais complexa, porque cada uma dessas vogais se desdobrava em duas — uma longa, de prolação mais demorada, e outra breve, de prolação rápida. A quantidade fazia assim de cada vogal — baixa, anterior média, anterior alta, posterior arredondada média, posterior arredondada alta — um par opositivo de longa *versus* breve, que não se distinguia na ortografia usual, mas em certas condições de estudo gramatical (na métrica, por exemplo) se indicava pela sobreposição à letra de um sinal diacrítico — “macron” (—) para a vogal longa e “braquia” (⌒) para a vogal breve.

No latim clássico, a quantidade tinha função distintiva: na flexão nominal e verbal, distinguíam-se, por exemplo, as desinências -ā, de ablativo, e -ă, de nominativo, para um mesmo nome, e, entre palavras, havia oposições como — *mālum* “maçã”: *mālum* “mau”, *dīco* “consagro”: *dīco* “digo”, *cēras*, “uma planta” (nom. sing.): *cēras* “cera” (ac. pl.), *mōlis* “massa” (gen. sing.): *mōlis* “moinho” (dat. abl. pl.), *sūdis*, uma espécie de pau: *sūdis* “seco” (dat. abl. pl.).

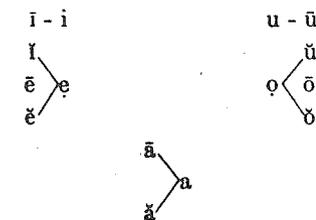
Já observamos que a intensificação do acento destruiu esse delicado jogo quantitativo no latim vulgar. Ao mesmo tempo, as vogais passavam a ser condicionadas pela incidência ou não do acento e, quando átonas, pela sua posição antes ou depois do acento. Assim se eliminou a quantidade como traço vocálico distintivo e se estabeleceram três quadros diversos para as vogais, conforme tônicas, pretônicas ou átonas finais.

No quadro tônico, as dez vogais latinas evoluíram para um quadro triangular de sete vogais: houve confluências e diferenciações que modificaram todo o sistema de oposições latinas. O dado novo foi o aparecimento de dois graus de elevação da língua em posição intermediária entre a posição baixa (/a/) e alta (/i/, /u/). Com isso se criou uma oposição distintiva entre um /e/ ou /ɔ/ abertos, com pouca elevação da língua, e um /ɛ/ ou /o/ fechados, com maior elevação da língua. O grau médio aberto resultou de /e/ ou /o/ breves, respectivamente; o grau médio fechado foi a confluência das vogais médias longas e das altas breves. Assim só /i/ e /u/ longos, perdendo a sua quantidade distintiva, continuaram como vogais altas.

Eis as correspondências entre os dois quadros sucessivos ¹⁰⁾:



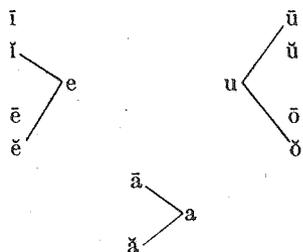
Nas vogais pretônicas não se estabeleceu a oposição entre grau fechado nas médias. O resultado foi um quadro de cinco vogais, onde a vogal baixa, mudando de qualidade fonética, é francamente central, ou antes, ligeiramente posterior e se costuma classificar como “fechada” ([ɐ]):



Por sua vez, as vogais átonas finais, já no português propriamente dito, passaram a constituir um quadro de três vogais, em que a série posterior arredondada se reduziu a uma única vogal /u/

¹⁰⁾ As correspondências foram alteradas em certos ambientes fonéticos. Assim se encontra, em vocábulos graves portugueses, vogal média fechada correspondendo a vogal média breve (latina) ou vogal alta correspondendo a vogal média longa (latina) ou vogal alta breve. O fator fonético foi, neste caso, a ação assimilatória de uma vogal átona final alta /i/ ou /u/ (metafonia). Exs.: *mētum* > *medo*, *fēci* > *fiz* (através de *fezi* > *fizi*), *ōvum* > *ovo*. Como a vogal final pertence à flexão, a mesma raiz, com outra desinência, apresenta a correspondência canônica: fem. *ova* /o/, pl. *ovos* /ɔ/ (porque a princípio /o/ final se conservou quando travado por /s/), *fez* (lat. *fēcit*). A metafonia trouxe importantes conseqüências no plano mórfico, onde é o ponto de partida, como veremos, das alternâncias vocálicas como processo gramatical.

(escrita tradicionalmente -o) e a série anterior, depois de um estágio /i/-/e/, também se reduziu a /e/.



Tudo indica que foi esse triplice quadro vocálico o que foi trazido para o Brasil na primeira fase da colonização portuguesa.

Em seguida, houve uma posterior evolução, tanto em Portugal como no Brasil, criando-se novos aspectos para o vocalismo português.

5. O vocalismo atual

Em Portugal, no quadro tônico, foi dado novo ora a presença, ora a ausência de uma ligeira nasalação da vogal tônica diante de consoante nasal da sílaba seguinte. A nasalação, que foi a regra geral no Brasil, importa numa mudança do timbre do /a/ para [ɐ] e do timbre médio aberto para médio fechado. Fonologicamente, o fechamento, e não a ligeira nasalação que o determina, é que deve ser considerado o traço relevante.

Temos assim, no Brasil, uma variante posicional para /a/ tônico e uma supressão da oposição distintiva entre /ɛ/-/e/, /ɔ/-/o/, com o desaparecimento do primeiro elemento, em cada par, diante de consoante nasal na sílaba seguinte.

Já, em Portugal, a possibilidade de haver ou não haver o fechamento conserva as oposições /ɛ/-/e/, /ɔ/-/o/, e, o que é mais importante, cria nesse ambiente particular uma oposição /a/-/ɐ/; distingue-se, por exemplo, por essa oposição uma flexão verbal -amos (a fechado) e outra -ámos (a aberto) na pessoa 1 do plural (falamos, presente: *falámos*, pretérito).

Em contacto com consoante nasal de sílaba seguinte, portanto, enquanto há no Brasil uma redução do quadro vocálico tônico a

cinco vogais (com uma variante posicional para a vogal baixa), há em Portugal um quadro de oito vogais, com uma oposição nova entre duas vogais baixas¹¹⁾.

Maiores discrepâncias ainda, entre as subnormas de Portugal e do Brasil, se encontram nos quadros das vogais átonas.

No Brasil manteve-se o quadro inicial pretônico; cf.: *morar* "residir": *murar* "emparedar", *legar* "dar por testamento": *ligar* "atar", *lagar* "terreiro (para espremer uvas ou azeitonas)"¹²⁾.

Há — é certo — uma supressão da oposição entre vogal média e vogal alta, em proveito da última, em determinadas circunstâncias.

A mais importante é a de hiato com vogal tônica; são meramente gráficos contrastes como *suar*: *soar*, *ciar*: *cear*¹³⁾.

Também para a série anterior pretônica, em posição inicial absoluta diante de /s/ na mesma sílaba só existe /i/ (*expor* /ispor/, *estar* /istar/, e um /e/, ditongado ([e:y]) é consequência de acento secundário por justaposição (v. p. 41, nota 9: *ex-posição*).

Mais lábil é a expansão do uso da vogal alta, em vez da vogal média, no fenômeno da "harmonização vocálica" (Camara, 1953, 79), em que uma vogal tônica alta exerce a sua ação assimilatória sobre a pretônica. A harmonização, que não é representada na ortografia, é própria do estilo coloquial e só daí se insinua na elocução formal. A consequência dessa dupla circunstância é que, de um lado, não apresentam harmonização certas palavras de feição literária (ex.: *fremir*), e, de outro lado, a harmonização pode ficar suspensa em certas situações da linguagem formal: *comprido* "longo" pode ser pronunciado /ko(n)pridu/, cessando a homonímia com *cumprido* "executado", e assim por diante. Há implícito um quadro

11) As vezes no ensino escolar se insiste, no Brasil, na oposição dos dois sufixos flexionais -amos, o que determina um uso esporádico e um tanto incoerente da oposição fonológica. Em todo caso, é de notar que a realização desnasalada da vogal nessa posição é possível para o falante brasileiro.

12) *Lagar*, é claro, é palavra literária no Brasil, vinda do ambiente cultural europeu.

13) Há, entretanto, alguns verbos cujo radical é realmente /eɨ/ e que mantém o ditongo em posição átona, embora mais ou menos atenuado e escrito apenas -e-; assim, *pear* /peiar/ "embaraçar", oposto a *piar*, *enfear* oposto a *enfiar*.

com as oposições /e/-/i/, /o/-/u/, na posição pretônica com vogal tônica alta, embora com debordamento (ing. *overlapping*) dos dois fonemas.

Em Portugal, o quadro pretônico é muito mais complexo.

Três fatos são especialmente relevantes. Um é a existência de uma vogal central ligeiramente média (o chamado *e* neutro [e_o], como variante átona de /e/) ¹⁴⁾. Outro a confluência de /o/ em /u/, que, salvo em posição inicial absoluta (isto é, iniciando o vocábulo), elimina as oposições, vivas no Brasil, do tipo *morar* : *murar*. Finalmente há uma presença limitada de /a/, /ɛ/, /ɔ/.

Daí, um quadro, um tanto assimétrico, de sete vogais:

i	u
ɛ	ɔ
	e _o
	e
a	

A existência das vogais /a/, /ɛ/, /o/ tem duas causas diacrônicas. Em primeiro lugar, figuram nas formas em que houve a crase de vogais geminadas do período arcaico: *vadio* (/vadiu/ e não [vediu] como no Brasil), de *vaadio* (lat. *vagativum*), *pregar* (/pregar/ em oposição a /pre_ogar/ “pôr pregos”), de *preegar* (lat. *praedicare*), *corar* (/korar/, sem se confundir com *curar*, como ao contrário *morar* e *murar* se confundem em /murar/), de *coorar* (lat. *colorare*). Em segundo lugar, elas aparecem em vocábulos, vindos por empréstimo ao latim literário, onde a pretônica era travada por uma consoante -c ou -p, que afinal se esvaiu (*ba* (p) *tismo*, *re* (c) *tidão*, *ado* (p) *ção*) ¹⁵⁾.

Em posição postônica (penúltima vogal átona dos vocábulos esdrúxulos), tanto em Portugal como no Brasil, o quadro é assimétrico, com duas vogais anteriores /i/, /e/ (em Portugal [e_o])

¹⁴⁾ Há oposição entre /i/ e /ɛ/, representado por [e_o] *ligar*: *legar*. Em posição inicial absoluta só há /i/, apesar da ortografia usar às vezes *e*: *erguer* /*irger*/.

¹⁵⁾ Daí um conflito de normas ortográficas entre Portugal e Brasil. Lá a manutenção da consoante muda tem significação fonológica para assinalar indirectamente um timbre específico de vogal pretônica, que no Brasil não existe.

e uma posterior /u/: *número*, *pálido*, mas *pérola* com /u/ como *cérula* ¹⁶⁾.

Resta-nos apreciar o quadro átono final.

Aí, no Brasil, houve um cerramento variável do /e/, que no Rio de Janeiro, por exemplo, deu francamente /i/. Podemos considerar esta a articulação normal do português brasileiro, em simetria com /u/, que, como vimos, substituiu muito cedo em português /o/ átono final. Dialetalmente, no Sul, o timbre é mais aberto e pode chegar a /ɛ/; nestas condições, há uma precária oposição distintiva com /i/ átono final de algumas palavras de empréstimo, escritas com -i, como no par *júri* “tribunal popular”: *jure*, do verbo “jurar”. A pronúncia padrão, porém, é no sentido de suprimir tais oposições, e na língua poética brasileira é normal o tipo de rima *Bellini*: *define*, como na série oposta o tipo *Vênus*: *serenos* (cf. Camara 1953, 129-30).

Em Portugal; /e/ átono final apresenta-se como [e_o], que entra na precária oposição distintiva do tipo *júri* : *jure*, donde um quadro de quatro vogais:

i	u
	e _o
	e

Em todas as posições átonas, aliás, há para contar em Portugal como uma violenta redução da vogal. Isso se verifica em vários ambientes fonéticos, dando ao vocalismo átono do português europeu uma característica que logo o separa do do português do Brasil.

6. O vocalismo dos proclíticos

Coloca-se no quadro das vogais átonas finais o vocalismo das partículas enclíticas; a vogal final de *falou-te* (verbo com enclítico) soa exatamente como a do substantivo *açoute*, e, nas mesmas condições, a de *sei-o* como a de *seio*.

¹⁶⁾ É possível, mas anômala, a manutenção do /o/ por influência da grafia, em palavras do tipo *pérola*.

Os proclíticos, porém, têm duplamente a vogal inicial átona do seu vocábulo fonológico e átona final como partícula própria. A possibilidade de se afastarem do vocábulo mórfico principal e constituírem vocábulo fonológico com qualquer outra forma intercalada (*o* $\overrightarrow{\text{livro}}$, *o* $\overrightarrow{\text{grande livro}}$, etc.), ou, quando pronome adverbial, de mudarem de posição em referência ao verbo (... *te falou*, ... *fa-lou-te*) dá-lhes certo *status* fonológico próprio e à sua vogal o de átona final, com efeito.

Em Portugal, não há daí maior consequência, porque /o/ pretônico ou final passa a /u/, e /e/ pretônico ou final passa a /e_o/.

No Brasil, entretanto, o quadro das vogais pretônicas é diferente das vogais átonas sem relação às médias /e/, /o/. Ora, nos proclíticos o que predomina é o caráter de átona final para a vogal. Ao contrário, portanto, do que seria de esperar da sua situação de pretônica inicial, /e/ se reduz a /i/, na pronúncia que consideramos padrão, e /o/ a /u/. Daí, oposições como entre *Olavo* /olavu/, nome próprio, e — ... *o lavo* /ulavu/, verbo “lavar” com pronome, ou entre *sessenta*, nome de número /sese(n)ta/, e — ... *se senta* /sise(n)ta/, verbo “sentar” com pronome¹⁷⁾.

Tanto em Portugal como no Brasil, por outro lado, há, como já vimos (§ 3), a possibilidade de dar a qualquer proclítico, em geral, um acento de grau 2, por ênfase, com pausa ocorrente ou não. A vogal proclítica passa assim para o quadro das vogais acentuadas.

Em Portugal, ela conserva, não obstante, o seu timbre, e a consequência é que temos um caso particular de /e_o/ tônico, que o eleva, de variante posicional, à categoria fonema vocálico; é particularmente freqüente essa pronúncia tônica com a partícula *que* /ke_o/. Também a vogal baixa conserva o seu timbre posterior (/e/), e ouvimos em consequência com essa vogal tônica partículas como *mas*, *para*, *cada*.

17) Sousa da Silveira (1937, 356) teve o mérito de chamar a atenção para a oposição distintiva, embora em termos de mera análise fonética, sem tirar daí conclusões fonológicas, e de envolta com outros fatos fonéticos diversos.

No Brasil, há hesitação na solução de escolha para o timbre tônico. Com a vogal baixa, faz-se, em regra, a transposição para /a/ aberto (/mas/, /para/, como /cada/ que, aliás, é muito mais usualmente tônico do que átono); mas no caso específico de *mas* há certa instabilidade: o impulso, a que parece, de distinguir a partícula adversativa do advérbio *mais* (pois vogal tônica seguida de /s/ na mesma sílaba é sempre ditongada), favorece uma pronúncia /mes/, com a intromissão da vogal baixa posterior no quadro das vogais tônicas, fora da posição especial de ambiente nasalado. Em relação às vogais médias, continua, em regra, como tônicas, a sua redução a vogais altas e temos, em contraste com Portugal, por exemplo, *que* como /ki/. Só, uma outra vez, surge para, a copulativa, /e/ em vez de /i/, mas /i/ é muito mais freqüente¹⁸⁾.

Assim, tanto em Portugal como no Brasil, os proclíticos, com sua faculdade de poderem ficar tônicos por ênfase, criam no quadro das vogais tônicas certas condições esporádicas: no Brasil, a presença de /e/ não-condicionado por uma consoante nasal seguinte para a partícula *mas*; em Portugal, não só a presença, muito mais franca, dessa vogal, como ainda um /e_o/.

Os proclíticos, em sua enfática enunciação tônica, criam, portanto, um quadro suplementar de vogais tônicas em ambos os países de língua portuguesa

Passemos, agora, ao estudo das consoantes¹⁹⁾.

III O CONSONANTISMO

7. O quadro latino de consoantes

Abstraídas as considerações meramente fonéticas, que levam em conta as variantes posicionais, e até livres, das consoantes la-

18) Em Portugal a copulativa é /i/ em qualquer caso. O muito esporádico /e/ enfático, no Brasil, é mera influência da língua escrita, onde a letra usada está em desacordo com a genuína entidade fonológica da partícula. No ensino gramatical, as partículas de vogal anterior, tanto em Portugal como no Brasil, são citadas com /e/.

19) O estudo dos ditongos e das chamadas vogais nasais situa-se melhor no estudo da estrutura silábica.

tinhas²⁰⁾, o quadro latino dos fonemas consoantes é particularmente simples e não se presta a maiores dúvidas.

Ele se caracteriza, especialmente, por uma grande predominância de consoantes oclusivas, isto é, aquelas que se produzem por uma oclusão de órgãos fonadores em qualquer ponto da boca, e resultam de uma momentânea interrupção na emissão da corrente de ar dos pulmões. Ao lado delas, há duas nasais, em que a oclusão bucal é acompanhada de uma ressonância nasal, e das constrictivas (com uma compressão da corrente de ar, em vez da sua interrupção), uma labial e outra de efeito acústico “sibilante”. Complementarmente, encontram-se duas consoantes do tipo chamado “líquida” e um emprego consonântico das vogais /i/ e /u/ formando sílaba com uma vogal seguinte como sucede com as consoantes propriamente ditas.

As oclusivas formavam três pares opositivos de surda e sonora (isto é, consoante produzida por uma corrente de ar “surda”, por não ter recebido as vibrações da glote, ou por uma corrente de ar “sonora”, com aquelas vibrações): 1) labial (consoantes articuladas sem intervenção da língua): /p/-/b/; 2) par anterior, ou ântero-lingual (articulação da língua com a zona mais frontal do céu da boca — pré-palato ou arcada dentária): /t/-/d/; 3) par posterior, ou pósterio-lingual (a língua co-articulada com a zona média ou a posterior do céu da boca — médio-palato, pós-palato, véu palatino): /k/-/g/. As oclusivas latinas eram bilabiais (co-articulação dos dois lábios), dentais (co-articulação da língua com a arcada dentária superior) e, no par posterior, com uma variação posicional conforme a vogal que se lhe seguia: articulação pós-palatal diante de /a/, /e/, /i/; articulação velar diante de /o/, /u/.

Das constrictivas, uma pertencia à série labial (co-articulação do lábio inferior com a arcada dentária superior) — /f/; a outra, a “sibilante”, era anterior — /s/; e ambas eram surdas.

O /r/ era uma vibrante anterior (produzida pelas vibrações da ponta de língua no verso da arcada dentária superior) e o /l/ apresentava uma variante “exiles” (o que parece indicar articula-

²⁰⁾ Num debate que vem desde Seelmann nos meados do século XIX. Merece especial consulta — Sturtevant, 1940.

ção dental) e outra “plena” ou “pinguis” (uma articulação posterior, provavelmente velar), conforme o ambiente fonológico.

O quadro das consoantes latinas era assim perfeitamente simétrico para as oclusivas. Quanto às demais consoantes, porém, faltava simetria tanto interna como em relação à série oclusiva.

Além das oposições previstas nesse quadro, entretanto, cada consoante podia ficar em oposição com uma articulação idêntica que se desdobrava numa geminação, entre duas vogais, no vocábulo: /pp/, /bb/, /tt/ e assim por diante. A geminação estabeleceu-se na pré-história da língua latina pela aglutinação de dois morfemas num vocábulo (ex.: *ad + tango = attingo*, *pel + do = pello*) ou foi de caráter expressivo, como (ao que tudo indica) em *bucca*. Tinha-se assim: *agger* “monte”, ao lado de *ager* “campo”, *annus* “ano”, ao lado de *anus* “anel”, *mollis* “mole”, ao lado de *molis* “(tu) móis”.

8. O quadro das consoantes portuguesas

Se comparamos o quadro latino com o português, verificamos que continuou a série oclusiva, praticamente com as mesmas características do latim.

As constrictivas, ao contrário, se enriqueceram e passaram a constituir uma série fonologicamente análoga à oclusiva: três pares de surda e sonora, que podemos considerar respectivamente labial, anterior e posterior, embora os pontos de articulação não coincidam com os dos pares oclusivos: as labiais são labiodentais (/f/-/v/); as anteriores são alveolares (coarticulação da zona anterior da língua, abaixada para a arcada dental inferior, com os alvéolos da arcada dentária superior)²¹⁾: (/s/-/z/; as posteriores correspondem a consoantes articuladas no médio-palato pela zona média da língua, enquanto a ponta avança para os dentes superiores (/š/-/ž/).

A nasal anterior se acrescentou uma que podemos considerar posterior, com uma articulação do meio da língua com o médio-palato, não encurvada para baixo, como para a produção de /š/ e /ž/, num efeito acústico de “chiamento”, mas desdobrada com a

²¹⁾ Tudo indica que era esta também a articulação da sibilante latina.

musculatura mole²²⁾, o que imprime à consoante um som simultâneo de /i/ (/n/). Uma consoante análoga passou a existir ao lado de /l/ (/l/).

Por outro lado, simplificaram-se as consoantes geminadas sem deixar vestígio. Apenas /rr/, perdida a articulação geminada embora, manteve-se distinto de /r/ simples intervocálico, que sofreu uma lenização e se tornou o chamado /r/ brando, enquanto /rr/, como /r/ inicial ou, pelo menos, não intervocálico, mantinha uma articulação “forte”, de vibração múltipla (/r̄/).

É interessante apresentar-o quadro latino, preenchendo-lhe as casas vazias com as consoantes portuguesas entre parênteses:

Oclusivas:	/p/-/b/	/t/-/d/	/k/-/g/
Constritivas:	/f/-(/v/)	/s/-(/z/)	(/ʃ/)-(/ʒ/)
Nasais:	/m/	/n/	(/ɲ/)
Líquidas:		/l/	(/ʎ/)
		/r̄/	
		(/r/)	

O quadro português, muito mais rico e mais equilibrado, resultou de um processo geral evolutivo, onde preponderaram as tendências à lenização articulatória e à palatalização, isto é, a utilização do médio-palato como zona articulatória complementar em conexão com o meio da língua. Em contrário da lenização geral, só temos a intensificação consonântica de /i/ e /u/ em função consonantal, por que se criaram em grande parte, respectivamente a constritiva médio-palatal sonora /ʒ/ e a constritiva labial sonora /v/, que ficou em simetria com a surda /f/.

Entretanto, a palatalização foi sempre uma mudança condicionada por ambientes fonológicos particulares, e o mesmo se deve dizer do processo de lenização.

Passemos, pois, a apreciar as principais condições em que as duas tendências se manifestaram.

22) Daí o nome de “mouille”, ou “mouillée” (amolecida), que lhe deram os gramáticos franceses do séc. XVII e se interpretou a seguir como “molhadas”, um erro de tradução que ficou definitivamente radicado na terminologia fonética.

9. A evolução consonântica

No estudo da evolução consonântica do latim para o português, é importante assinalar que não há correspondência de posição, no vocábulo latino e em seu reflexo português, entre consoantes homorgânicas numa e noutra língua, necessariamente. Em dada posição o tipo de consoante mudou, mas outro tipo evoluiu, em regra, no sentido do que desapareceu. Nessas condições, houve apenas deslocamentos, ou antes, trocas de posição, sem redução muitas vezes, até, do rendimento funcional de cada tipo de consoante.

A manutenção dos tipos consonantais latinos se verificou, de maneira geral, em posição inicial de vocábulo: *pedem* > *pé*, *bonum* > *bom*, *tela* > *teia*, *dare* > *dar*, *carum* > *caro*, *gutta* > *gota*, *faba* > *fava*, *salire* > *sair*, *manum* > *mão*, *nidum* > *ninho*, *legere* > *ler*, *rota* > *roda*. Já as consoantes internas, como sugerem os exemplos, não ficaram em princípio estáveis.

As mudanças ocorridas em posição inicial foram de três espécies: 1) /k/-/g/, diante de /e,i/, quando eram pós-palatais, e não velares, sofreram um processo de assimilação à vogal anterior que se lhes seguia, e se tornaram anteriores, perdendo a oclusão; /g/ adquiriu afinal, no romance lusitânico, um som chiante, que até hoje conserva e é uma das origens do fonema português /ʒ/; /k/ passou a constritiva dental, mas por muito tempo não se confundiu com /s/²³⁾, só com ele confluindo em época relativamente recente; *gestum* /gestum/ > *gesto* /ʒestun/, *cera* /kera/ > *cera* /sera/; 2) /i/ consonântico evoluiu no romance em geral para uma consoante plena, de caráter palatal, que em português se fixou como /ʒ/, em confluência com o reflexo de /g(ei)/: *iustum* > *justo*²⁴⁾; 3) /u/ consonântico sofreu um processo análogo de consonantização, ainda em latim depois do período áureo, e intro-

23) Daí, na ortografia, a manutenção da letra *c*, que continua depois de ter desaparecido o motivo fonológico.

24) Por muito tempo, na ortografia, usou-se não obstante a letra *i* já com esse novo valor; afinal, a partir do séc. XV se introduziu para isso uma nova letra *j* (chamada *jota* do nome grego *iota* para o /i/). A distribuição entre *g* e *j*, na ortografia portuguesa, decorre da origem histórica do fonema. Gonçalves Viana tentou em vão unificar a representação gráfica para *j* (Viana, 1904).

duziu no sistema de consoantes latinas a labiodental sonora /v/ em simetria com /f/: *uacca* > *vaca*.

Com isso, a função consonântica de /i/-/u/ foi eliminada. As oclusivas /k/-/g/, diante de /e,i/ não desapareceram, porém, porque vieram para o seu lugar /k/-/g/ seguido de /u/ assilábico (formando ditongo com a vogal silábica seguinte)²⁵⁾, em virtude do esvaimento do /u/ diante de /e,i/: *quem* /kuem/ > *quem* /ke(n) / *guerra* /guerra/ (adaptação do germ. *werra*) > /geṛa/.

Em posição interior, entre vogais, o processo evolutivo decisivo, como bem apreciou Martinet (1955) para o romance das Gálias e da Ibéria, foi a simplificação das consoantes geminadas.

Criaram-se com isso consoantes simples em muito maior volume, para cada tipo, e, ao mesmo tempo, a supressão das oposições /pp/:/p/, /gg/:/g/ e assim por diante. A reação parece ter sido a conservação das oposições, em outras condições embora, por meio da lenização da antiga consoante simples. Assim, em português, as surdas passaram a sonoras: *lūpum* > *lobo*, *cīto* > *cedo*, *lacum* > *lago*, *profectum* > *proveito*, *rosa* /rosa/ > *rosa* /roza/; /k(e,i) /, já constrictiva, analogamente, mudou a enunciação surda pela sonora, criando uma constrictiva sonora, representada na língua escrita pela letra z e que afinal confluuiu para o reflexo sonoro de /s/ intervocálico, da mesma sorte que a surda correspondente confluuiu para /s/: *acētum* > *azedo*.

A maior parte das sonoras se esvaíram: *pedem* > *pee* > *pé*, *malam* > *maa* > *má*; com /g/ o esvaimento não abrange todo o léxico (*digitum* > *dedo*) mas permanece, pelo menos, quando seguido de /a/ ou /u/ (Williams, 1938, 67) (*plaga* > *chaga*, *legumen* > *legume*) e em outros exemplos que não podem ser assim explicados. Para /n/ houve a substituição da consoante por uma nasalização do ambiente vocálico, que se manteve com a crase ou a ditongação das vogais em contacto (*lana* > *lãa* > *lã*, *manum* > *mão*), ou, afinal, se esvaiu com o hiato entre as vogais (*bona* > *bõa* > *boa*).

25) Em latim /k/, nesse caso, era representado pela letra q, em vez de c, e a tradição gráfica persiste na ortografia portuguesa.

Já a antiga labial /b/ pôde manter distância do novo /b/, saído da simplificação da geminação, pela mera lenização para /v/, confluindo com o reflexo de /u/ consonântico (*faba* > *fava*).

O processo da palatalização apresenta aspectos complexos e variados.

Vimos como determinou o aparecimento do /š/, saído de /k(e,i) / e /ž/ saído de /g(e,i) /. Para a chiante surda ou sonora houve, a mais, a ação assimilatória sobre /s/ de um /l/ assilábico, que se desenvolveu em romance de um /e/ ou /i/ silábico do latim clássico em hiato (*passionem* > *paixão*, *caseum* > *queijo*). Em relação à surda, exclusivamente, houve, para o seu aparecimento, um processo de redução de certos grupos consonânticos. Assim a sibilante imediatamente precedida de /k/ (que a ortografia latina indicada pela letra x) e o grupo inverso /sk/ passaram diretamente para /š/ ²⁶⁾: *buxum*/buksum > *buxo*/bušu/, *miscere*/miskere/ > *mexer* /meser/ ²⁷⁾. Grupos de constrictiva labial ou oclusiva surda seguida de /l/, em posição não-intervocálica, desenvolveram uma africada chiante (isto é, uma chiante com um início de articulação oclusiva dental), que hoje só subsiste dialetalmente, pois na língua comum, tanto em Portugal como no Brasil, simplificou-se para chiante pura, confluindo com o reflexo de /si/, /ks/ e /sk/: *planum* > *chão*, *clamare* > *chamar*, *afflare* > *achar* ²⁸⁾.

A palatalização, ou “molhamento”, de /n/ e /l/ deu-se exclusivamente em posição intervocálica; por isso, os exemplos de /l/ no português moderno em posição inicial são alguns esparsos empréstimos, como o do espanhol *lhama*, um animal andino, em oposição com *lama* (/n/ ainda mais esporádico aparece num ou noutra empréstimo ao tupi: *nhanduti*) ²⁹⁾. A molhada /l/ é o reflexo –

26) Daí, na ortografia portuguesa, a letra x ter ficado usada para indicar a chiante surda.

27) Há às vezes uma ditongação da vogal precedente: *pisces* > *peixe*, *axum* > *eixo*, como também vimos em *paixão* e *queijo*. A rigor, parece ter havido sempre variação livre, nesse ponto, com decisões convencionais da ortografia.

28) A ortografia manteve o dígrafo *ch*, que entrou na escrita portuguesa por influência provençal; e Gonçalves Viana justificou a conservação do dígrafo pela existência dialetal da africada (Viana, 1940).

29) Também nos hipocorísticos vocativos do português crioulo dos negros *nhonhó* (de *sinhô* < *senhor*) e *nhanhã* (de outro crioulo – *sinhá*, *criado*, para oposição feminino-masculino, em face de *sinhô*).

1) ou de um grupo de constrictiva labial ou oclusiva surda seguida de /l/, em posição intervocálica (*speculum* > *speclum* > *espelho*, *scopulum* > *scoplum* > *escolho*); 2) ou de /l/ seguido de um secundário /i/ assilábico (*palea* > /palia/ > *palha*. A nasal /n/, por sua vez, provém: 1) do grupo /gn/ (*agnum* > *anho*, *ligna* > *lenha*); 2) de /n/ seguido de um secundário /i/ assilábico (*linea* > /linia/ > *linha*); 3) da nasalação de /i/ tônico, proveniente da redução de /n/ entre esta vogal e /a/ ou /o/ (*pinum* > *pīo* > *pinho*)³⁰.

10. O consonantismo português atual

Foi esse quadro consonântico, com os seus fonemas assim firmados e distribuídos, que até hoje, em princípio, passou a funcionar na língua portuguesa.

A ele se adaptaram os empréstimos em geral.

Naturalmente, a chiente surda e as molhadas não figuram nos empréstimos feitos ao latim literário depois ou a partir do séc. XV: a letra *x* ficou com o seu valor latino de grupo /ks/ (ex.: *fixo* /fiks/), embora em vocábulos muito usuais tenha se simplificado para /s/, conservando-se a letra *x* na escrita (*próximo* /prɔsimu/); e se reintroduziram os grupos de constrictiva labial ou oclusiva seguida de /l/, como em *flama*, *planger*, *amplo*, *clamar*, e os grupos /gn/ e /l/ ou /n/ seguido de /i/ assilábico, como em *interregno*, *óleos* (em oposição a *olhos*), *vénia* (em oposição a *venha*). Mas /g(e,i)/ e /i/ consoante se adaptaram como /ʒ/, da mesma sorte que /k(e,i)/ como /s/³¹. Quanto ao /r/ a geminação se reduziu a /r̄/, em oposição a /r/ simples, que adquiriu a lenização para /r/ brando proveniente da lenização no romance lusitânico.

30) O estágio de /i(n)/, *i* nasal, ainda parece vigorar nos séc. XII e XIII, pelo menos. Em *minha*, temos a evolução de um *i* nasal, não proveniente da lenização de /n/ intervocálico, mas da nasalação de /i/ por ação do /m/ precedente: *mea* > *mia* > *mīa* > *minha*.

31) Aliás, essa pronúncia portuguesa se aplicou à leitura do próprio latim literário, de acordo com a praxe de ler o latim, em cada país, pelo sistema fonológico nacional.

Não houve, por outro lado, intromissão de fonemas de origem não-latina, quer em Portugal, quer em seguida no Brasil. Em qualquer empréstimo lexical, desde os mais remotos tempos, os fonemas não-latinos foram interpretados em função do quadro constituído pela evolução do latim.

Assim, a consoante constrictiva labiovelar germânica /w/ assimilou-se ao grupo latino /gu/ e diante de /e, i/ simplificou-se para /g/ nas mesmas condições de /gu/ latino; temos, por exemplo, *guarnecer*, *guisar*, com raízes germânicas, ao lado dos termos latinos como *igual*, *águia*. Da mesma sorte, consoantes específicos árabes se assimilaram a consoantes latinas, e temos /f/ latino, em vez da glotal árabe, em *alfaiate*, *alface*, etc., ou /š/, desenvolvido de /s̄/ ou /ks/ ou /sk/ no romance lusitânico, nos arabismos *xerife*, *xarope*, etc. Já vimos também que, no português do Brasil, não há fonema tupi ou de outra origem indígena, ou, ainda, de origem africana³².

Entretanto, o quadro consonântico atual apresenta oposições lábeis, mesmo no estilo de articulação tensa, ou cuidada, da língua padrão, e sofre, em maior ou menor grau, repercussões de mudanças que se processam no estilo relaxado da própria língua padrão, sem falar na intromissão de subsistemas dialetais³³.

Assim, é lábil a oposição entre /l/ e /r/ (a preferência é para a última) quando em seguimento à constrictiva labial ou oclusiva

32) Não há negar, entretanto, que a língua de superstrato, adstrato ou substrato pode determinar em certos itens lexicais reflexos, que, sem isso, não eram de esperar. Assim, em *guedelha* (lat. *uiticula*) vemos /u/ consonântico latino passar a /g/, como /w/ germânico (e não a /v/) e em *Tejo* (lat. *Tagus*) o /g/ sofrer uma palatalização diante de /u/, que só se explica pelo adstrato árabe. É igualmente possível, que a eliminação dialetal de /j/ intervocálico, no Brasil, com redução a /i/ consonântico (*foia*, em vez de *folha*, *oio*, em vez de *olho*, etc.) se explique pelo português crioulo dos escravos negros ou pelo substrato indígena, visto que nas línguas indígenas não há oposição /l/-/r/ e /j/, como /l/, podem ter sido mal interpretados.

33) Nesses subsistemas há quadros fonológicos muitas vezes divergentes do português padrão. Basta citar, em Portugal, a africada *ch* em Trás-os-Montes, e uma vogal /ū/ (anterior arredondada, como em francês) em vez de /u/, no Algarve. Também a africada /tʃ/, em dialetos brasileiros, estendendo-se até a toda a área do /š/, que fica eliminado; ou, ao contrário, /š/ substituindo-se a /s/, tanto em dialetos de Portugal (norte) como do Brasil (zona de Goiás e Mato Grosso).

(cf.: *fluir* "correr (um líquido)": *fruir* "gozar") e a língua literária tem casos até de variação livre (cf.: *frecha* ao lado de *flecha*). A vibrante /r/ apresenta uma variante velar (vibração da raiz da língua no fundo da boca) ou mesmo uvular (vibração da úvula), que chega a evoluir para uma mera fricção gutural (muito comum no Rio de Janeiro). Enquanto a /l/, ele é velar em posição pós-vocálica³⁴); e essa velarização, no português do Brasil, mesmo na pronúncia cuidada das classes educadas se aproxima perigosamente da produção de um /u/ assilábico, que anula praticamente oposições como *mal*: *mau*, *alto*: *auto* (abreviação normal de *automóvel*), *vil* (adj.): *viu* (verbo *ver*) e assim por diante.

Em referência a inovações de variantes posicionais, é particularmente notável, numa apreciável área do Brasil, dentro da língua padrão, um africamento de /t/ e /d/ diante de /i/ tônico, em virtude do qual a consoante oclusiva termina numa constrição médio-palatal com leve chiado (*tio*, *dia*, etc.).

Na realidade, está se desenvolvendo, tanto em Portugal como no Brasil, certo contraste entre a pronúncia popular e a pronúncia normal, e a segunda resiste mal ao impacto da primeira com repercussões ao sistema fonológico das consoantes. Há pelo menos multiplicação de variantes posicionais, que alteram as suas relações dentro do quadro; é evidente, por exemplo, que a vocalização do [ʃ] velar reduz a distribuição da consoante e que o [r_v] uvular, ou, ainda mais, a mera fricção gutural desmancha a relação fonética entre os dois /r/ portugueses.

IV. A ESTRUTURA SILÁBICA

11. A estrutura da sílaba em latim

A sílaba, entidade fonológica que se cria pela íntima concatenação dos fonemas na corrente da fala, é uma unidade funcional,

³⁴ Em certas áreas, mesmo em posição intervocálica (embora talvez, antes, pós-palatal), como em Lisboa, por exemplo, onde, ao contrário, /l/ pós-vocálico final fica dental e ganha um apoio vocálico; este último fenômeno se verifica em certas áreas do dialeto sulino do Brasil, também.

de segundo grau a partir dos fonemas. É ela, com efeito, que distribui a função de cada fonema dentro de uma enunciação. O fonema que é o centro dessa unidade secundária, ou silábico, era sempre em latim uma vogal. A sílaba pode se resumir no silábico (sílabas simples) ou conter fonemas consonânticos, em tensão crescente até a vogal silábica, bem como outros, de tensão decrescente, em seguida a ela. A ausência ou a presença de fonemas pós-vocálicos decrescentes estabelece, respectivamente, os dois tipos de sílaba (complexa — livre (lat. *a-*, em *amare*, ou *da-* em *dare*) e travada (lat. *est*, ou *dat*)).

Diz respeito à tipologia silábica de cada língua a existência, ou não, de fonemas assilábicos decrescentes³⁵), e o número e a natureza e ordem possível desses fonemas.

Em latim havia, além das sílabas simples e livres, sílabas travadas por consoante de qualquer espécie. Eram, raras, porém, as sílabas com vogal assilábica, cuja reunião à vogal silábica constitui o que tradicionalmente se chama "ditongo". A língua escrita apresentava os grupos de letras *ae* e *oe*, que muito cedo, mesmo dentro do latim clássico, se enunciavam como /e/ e no latim vulgar sofreram, respectivamente, a evolução do /ě/ e do /ē/. Um ditongo decrescente /au/, escrito *au*, apresentava uma variante livre /o/, que a disciplina gramatical rejeitava mas muito cedo se tornou preponderante em Roma e grande parte da România. Com vogal silábica crescente havia apenas /u/ depois de oclusiva posterior (na escrita *qu-*, *gu-*), mas era também um ditongo instável e na própria língua clássica havia hesitação entre /k/ e /ku/ (cf. *cotidie* e *quotidie* e a pronúncia de *quis* como /kis/, que um gramático latino consigna)³⁶).

A vogal silábica podia ser travada por qualquer consoante, oclusiva, constrictiva, nasal ou líquida; e a sibilante podia se seguir a essa consoante de travamento (*nox*, /nok/, *urbs*, *mens*, *ars*).

³⁵ As sílabas simples e livres (com uma única consoante crescente) são gerais nas línguas do mundo, como também as que logo domina, em qualquer língua, a linguagem infantil (cf. Jakobson, 1941). Para a discussão da teoria da sílaba, cf. Câmara, 1964.

³⁶ Há também a hipótese de *qu-* ser um dígrafo para representar uma oclusiva velar labializada distinta de /k/, indicada por *c* (cf. Sturtevant, 1941, 169).